

PAIÃO

mesa
posta
12



Viver a Cidade

Virgínia Fróis

Fazer nossa a Cidade Viver será deslizar no tempo, nas referências que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações.

No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias.

Sentir o irregular das pedras que os nossos pés tacteiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas.

Parar muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um trânsito do visível para o invisível?

O filósofo José Gil, falava a propósito do Livro do desassossego de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós.

Uma emoção breve, um pulo para o virtual.

Por um momento breve o passado e o futuro agora.

*Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? **

(*) A partir da frase final O artista pensa com visões. José Gil
Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, 03/2014



À conversa com
SR. VIEIRA E CARLOS MALHÃO
dos órgãos sociais do
Grupo Desportivo do Paião

Quando o comboio ainda parava no apeadeiro, já se jogava à bola no Paião, o grupo desportivo foi evoluindo com o empenho e dedicação dos sócios, dos moradores e amigos do Paião.

Com 12 ou 13 anos começaram a participar no grupo desportivo, 3 anos depois faziam parte da comissão de festas. Contam que o grupo desportivo funcionava como uma associação de moradores, que servia para melhorar a qualidade de vida local. Praticavam futebol, atletismo, chegaram a haver concursos de pesca, passeios de jipe e até pára-quadismo! Organizava-se torneios de malha, jogava-se sueca e ao 31. Havia o domingo desportivo que além dos torneios, tinha tiro-ao-alvo com uma máquina de tiro aos pratos a trabalhar.

Vieira: O grupo chegou a ter 300 sócios, se calhar. Fazia-se uma vez por ano um almoço, tipo um almoço convívio, a que chamávamos o dia do sócio, houve alturas que até chegou a ter baile. E a gente, o pessoal que estava nos órgãos sociais,

na direção, pensávamos, vamos lá, daqui vai um convívio entre as pessoas todas. Às vezes vinham pessoas de outras zonas que eram sócios do grupo, que estavam fora a viver, como de Vendas Novas. Era um convívio de outras gerações, não é? Que acabavam por se juntar. Normalmente era um preço simbólico, que se calhar, dava para pagarem mal, como diz o outro. Aquela iniciativa pouco lucro dava, com a exceção de um, é que nessa altura as pessoas quase sempre pagavam as cotas naquele dia. Era a Festa dos Sócios, comprava-se um borrego, uma caixa de sardinhas...

Manel: Só por se juntarem todos já valia a pena, não era bem o intuito dar lucro naquele dia. Era juntar os sócios e convivermos com as pessoas, só por isso valia a pena. E chegamos a fazer jogos de bola, nesses dias, com essa rapaziada mais antiga, pessoal de 60, 70 anos. Na altura que começámos com o futebol, não ganhávamos quase a ninguém e depois tivemos uma altura que era muito difícil ganharem à gente. E tivemos 20 e tal jogos sem perder. O que é que a gente

fazia? Íamos jogar a vários pontos do concelho. Hoje em dia, a malta nova não tem bem este espírito de associativismo da forma como ele é, íamos jogar a clubes que não estavam federados em lado nenhum, que era o nosso caso. Íamos à Casa Branca, ao Sabugueiro, Vale Pereiro, íamos aqui à volta. Como é que aquilo funcionava? Então, no fim-de-semana, queres jogar com a gente? E íamos lá jogar.

Vieira: Normalmente, a equipa que recebia, organizava o almoço. Sempre um almoço convívio com as duas equipas.

Manel: Portanto, a gente ia jogar a bola nesses torneios, íamos de bicicleta de 10 para lá e vínhamos de bicicleta de 10 para cá. Também com uma camionete destapada, com um banco de madeira, e lá iam todos jogar à bola. Porque o pessoal gostava era daquilo. Uma coisa, por exemplo, a gente fez aqui estes torneios todos, e não tínhamos um balneário. Tínhamos aqui duas casas de banho, às vezes era à mangueirada ou nas barragens.

Manel: Isto, o que fica é quando se começa. Lembro-me perfei-

tamente de uma reunião aqui debaixo da palmeira, não tínhamos sede, não tínhamos nada, fizemos ali uma reunião. Começou-se a mexer e a fazer. Fomos quase sempre os mesmos, mas esse foi um momento memorável. Já tinha começado, antes tínhamos um campo de futebol ali, fomos cortar aí varas, esses são momentos memoráveis, cortar varas de eucalipto ao eucaliptal, e fazer as balizas em varas de eucalipto, depois uma até arrebentou... E uma não... Estava a pegar o eucalipto!

As famosas Festas do Paião. As festas serviam para angariar fundos para o clube desportivo, mas primeiro havia que angariar fundos para a própria festa, começando logo no início do ano, uma equipe de voluntários a trabalhar.

Manel: Chegámos a ter aqui duas festas. Uma era a festa da Amizade, que era em Junho, e a festa da Alegria, que era a mais famosa, a 20 de Agosto, mais ou menos. A Amizade foi uma festa que nós herdámos da Cooperativa*. A Cooperativa fazia aí uma festa e depois, quando eles acabaram com a festa, a gente pensamos em





fazer as duas, mas depois, pronto, também acabámos por ver que duas festas, uma perto da outra, também não era exequível, e acabámos por acabar com aquela que não era a nossa.

A gente conseguia juntar aqui 30 pessoas, que tiravam férias de propósito para vir uma semana inteira, trabalhar para a festa. Conseguíamos ter aí uma boa equipe, uma boa gestão da coisa. Voluntariamente, sempre, sempre e aliás, os apoios que tínhamos eram da Câmara a nível material e transportes. Tínhamos alguns patrocinadores. A grande alavanca era uma rifa que fazíamos, começávamos a vender logo no princípio do ano, e tínhamos pessoal que se empenhava muito naquilo e conseguíamos, logo ali, uma grande fatia para depois termos descansados para a cobertura do evento.

À entrada era doação livre, depois havia o dinheiro que sobrava do bar e as brincadeiras que se fazia para juntar dinheiro, como o pau de cebo que era uma vara de eucalipto ensebada, a mais alta que se conseguisse, e pagava-se uma

inscrição para subir. Lá em cima havia um bacalhau para quem conseguisse lá chegar. Ou apanhar o leitão em apenas um minuto, quem conseguisse ganhava um leão (cerveja de litro) e um frango. Também havia a série das rosas.

Vieira: Era uma coisa que depois acabou de praticamente deixar de existir. Normalmente o rapaz é que vai buscar a rapariga para dançarem. Naquela era ao contrário, a rapariga levava a rosa para ir buscar o rapaz. E depois, quem desse mais dinheiro é que ganhava a série da rosa, normalmente havia sempre um prémio para o par que ganhasse a série da rosa. Íamos mandando sair, por quem dava menos, ia saindo.

Manel: Quem dava mais, ganhava e ficava a dançar pró fim sozinho com a rapariga. Normalmente quem andava querendo namorar a rapariga, dava mais dinheiro.

Vieira: Naquele caso, ela ia dançar com quem queria. Quando levava a rosa e ia buscar o rapaz, normalmente não levava cabaças. As cabaças davam elas aos rapazes quando



não os queriam*. E depois ia levar a rosa a outra rapariga para ir buscar outro rapaz. Era uma coisa engraçada.

** “dar cabaça” - rejeitar o noivo (gíria cigana)*

Manel: Aquilo era assim, a gente dava logo a rosa a uma rapariga com quem tivesse mais confiança, ela ia buscar o rapaz que ela quisesse. E a rapariga ia levar a rosa a outra, que ia buscar outro rapaz, e sucessivamente. Depois, pronto, normalmente andava eu e outro que recebia o dinheiro, eu apontava o dinheiro que o rapaz dava. Depois deixávamos correr a série e íamos vendo quem é que tinha dado mais. Fazia ali um sinal. E dizia, por ordem de quem desse menos, lá ao microfone: Par não sei quem, faz o favor de sair. Até que ficava só um par a dançar, que ganhava.

Manel: As festas, eu posso dizer, foi uma evolução permanente, desde que começámos com uma festinha com sombreiros em varas de eucalipto e depois fomos evoluindo e evoluindo até que uma altura começámos a notar que já não tínhamos a

mesma afluência de público e decidimos, de repente, passar para um artista de nível nacional que ninguém trazia aí, a lado nenhum.

Vieira: Se calhar fomos das poucas festas dentro do concelho que tinham festas de três dias com três artistas. Com três artistas de nome. Um à sexta, outro ao sábado e outro ao domingo. Normalmente a maioria das terras que faziam a festa, fazia dois dias. Depois traziam um artista só no sábado.

Um dos motivos foi trazer artistas conceituados que na altura as pessoas só viam na televisão. De artistas passaram “todos menos o Emanuel e Tony Carreira, de resto passaram cá todos”.

A Rute Marlene, o José Malhoa e Ana Malhoa, o Quim Barreiros, a Maria Lisboa que foi a primeira e a Ágata, que foi o maior sucesso.

Manel: O momento da Ágata foi uma coisa que ultrapassou tudo o que estava na nossa mente. Passámos o palco da Maria Lisboa, aumentámos o espaço para três vezes mais ou quatro e aquilo encheu tudo completamente. Eu lembro-me perfeitamente de estar aí a falar

Nós, na altura, tínhamos o melhor recinto para fazer festas, se calhar do concelho. Tinha a área envolvente, que era a natureza, havia gaiatos que vinham acampar para aqui. Ficavam a festa toda ali debaixo dos sobreiros, acampavam ali, umas tendas, e ficavam ali até a festa acabar.

Manel: Havia um espírito para o associativismo, mesmo dos nossos pais, se calhar diferente do nosso mesmo. Eu lembro-me, a minha mãe e as tias, faziam um bolo todo enfeitado ali, com as claras dos ovos e não sei o quê, para a gente ir lá leiloar.

Vieira: Alguns faziam, leiloavam e compravam. Faziam uma fogaça. Era um frango assado,

uma garrafa de vinho, um bolo, umas coisas assim, dentro de um tabuleiro. Depois era leiloado. E depois, a maioria das vezes, a pessoa que oferecia as coisas, queria as comprar à força toda.

Contavam com o animo, empenho e colaboração que havia entre as pessoas, muitas não faziam parte do grupo desportivo. Ali à volta havia sempre quem disponibilizasse energia para apoiar e até quem emprestasse material, inclusive transportes, chegou-se ir buscar praças de touro desmontáveis, para fazer vacadas nos dias de festa.

Trabalhando voluntariamente, investiram muito do seu tempo, mas de nada se arrependem. Além das memórias, tanto as melhores como as piores, ficou muita aprendizagem, da qual se orgulham. As festas acabaram porque as idades já são outras e falta a energia mais jovem, mas dizem que se aparecer quem se queira agarrar, ajudarão com todo o gosto.

* **A Cooperativa Bento Gonçalves**, era quem organizava as Festas da Amizade, onde trabalhou o Ferreiro Mestre Santos após o 25 de Abril. Situava-se perto da Torre da Gadanha, na herdade onde foram assassinados António Maria do Pomar Casquinha, de 17 anos e João Geraldo, o “Caravela”, de 57 anos, trabalhadores rurais, baleados por um GNR em 1979.

Mestre Santos

Festa da Alegria

20, 21 e 22 de Agosto de 1999

PAIÃO

SEXTA, 20

Abertura da Festa - Abertura do Bazar - Abertura do Bar

Concursos BAILE abrilhantado pela conceituada bailarina vocalista **CARLA NUNES**

Concursos VACADA

SÁBADO, 21

Continuação da Festa

Abertura do Bar

Abertura do Bazar

Jogo do Torneio Quadrangular de Futebol Seniores

Jogo do Torneio

Concursos BAILE abrilhantado pela conceituada bailarina vocalista **CARLA NUNES**

Concursos VACADA

DOMINGO, 22

Continuação da Festa

Abertura do Bar

Abertura do Bazar

Jogo do Torneio

Jogo do Torneio

Concursos BAILE abrilhantado pela conceituada bailarina vocalista **CARLA NUNES**

Concursos VACADA

PRINCÍPIOS DO RITMO

FESTA Haverá a funcionar um esmerado serviço de bar

ÁGATA

Quando veio ali ao Paião, havia carros espalhados pela pelas herdades a 4 kms ali à volta. Um vizinho meu tinha lá um bocado de terra semeado para as ovelhas, rebentaram com a cerca e tapou-se aquilo de carro. As pessoas já não sabiam onde enfiar os carros.

Mestre Santos

CARLA NUNES

PAULA MARQUES

PRINCÍPIOS DO RITMO

RAPNEUS

MANUEL BREJO

JOAQUIM PRATES

ALUMINÍO



À conversa com
MESTRE SANTOS

O último ferreiro de Paião, conta-nos um pouco do seu ofício e da ligação do mesmo ao lugar, numa conversa que nos transporta para os tempos antigos.

O meu avô era ferreiro, começou bem novo com a arte, aí aos 20 anos. Depois aos 50 ou 40 e tais anos, começou a ser doente e deixou o ofício e montou a taberna, a taberna no Paião, onde foi a escola. A outra em frente ao apeadeiro foi depois o meu tio que construiu. O meu tio também trabalhava com o meu pai, mas apareceu uma doença e abriu a taberna no Paião. Daí para cá tem havido sempre várias pessoas a cuidar.

Naquele tempo era taberna e mercearia, não havia supermercados e era lá que as pessoas compravam as coisas. Alguns até era mesmo na própria casa, essa do meu avô era na mesma casa, tinha as estantes de mercearia a um lado e os barris dos vinhos no outro, o balcão era o mesmo.

Noutro tempo, as casas que os lavradores tinham nas

herdades, estava tudo cheio de gente, hoje em dia não há ninguém. Era assim que as tabernas e mercearias sobreviviam com as pessoas, os trabalhadores. Naquele tempo havia muito trabalho, era tudo feito em mão de obra, tudo manual. Qualquer casa no campo estava cheia, sempre cheia de gente. Naquele tempo tinham muitos filhos.

Fui viver para o Paião em 1941, tinha 7 anos, fui de Rio Mourinho, onde nasci lá no convento da Herdade da Gamela. Depois de sair da escola, com 12 anos, fui para a oficina do meu pai, que era já lá no Paião. Estava lá aos bocados, mandavam-me fazer mandados, se queria alguma coisa, material, lá ia eu a pé até Montemor, buscar qualquer coisa.

Não sei se já ouviu falar no fole, para aquecer os materiais, que soprava o lume, agora é ventoinha elétrica, mas era preciso uma pessoa a puxar o fole. Depois comecei a dar assim com o malho, havia lá um malho mais pequeno. Tinha eu 15 anos quando o meu tio deixou de trabalhar e montou

(continua)



lá a taberna, fiquei eu ajudante do meu pai. Entretanto chegando à altura fui para tropa e quando voltei o meu pai disse: agora passas tu para mestre e ficou ele o meu ajudante. O meu irmão tinha 12 anos nessa altura mas também ficou lá como ajudante. Depois o meu irmão foi para a tropa e fiquei eu com o meu pai. Depois o meu pai aos 72 anos deu-lhe uma trombose e eu fiquei sozinho.

O meu pai era o mestre e o meu tio, meu padrinho, ajudava e acabava uma parte da obra, que se chama temperar. O machado era forjado, mas depois ficava em bruto, com a lima é que se aperfeiçoava e depois era temperado para dar rijeza à ferramenta. O meu tio ajudava a malhar. O mestre trabalha com o martelo é que dá as indicações onde é que o malho deve ir, o ajudante é que tinha que jogar ali com força para espalmar o ferro ou aço. Era difícil, mas havia muitos ferreiros em Montemor, no Escoural havia alguns 3 ou 4, em todas as freguesias havia. Assim ferreiros de carros também e carroças, e serralheiros. Eu fazia machados,

enxadas, agora no campo pouco fazem e aquilo que fazem é com alfaías, mas ali o Caminhos do Futuro (*loja agrícola*) em Montemor vendia lá os machados, fazia ferramentas para pedreiro, martelos e outras coisas.

Eu aprendi com o meu pai, e o meu pai aprendeu com o meu avô. Agora acabou. A oficina terminou há um ano e tal, e se calhar se não tivesse partido uma perna ainda lá estava. Parei com 87.

Eu nasci naquilo, fui para a oficina com 12 anos, tenho 70 e tal anos de oficina e de Mestre, todas as ferramentas que foram feitas com esta marca, foi tudo feito por mim de há 65 anos para cá.

Nos meus princípios, quando se queria aprender um ofício, iam para uma oficina e os pais ainda lá pagavam para lá andar, depois do 25 de abril até um ajudante tinha de receber um ordenado mínimo, então oficinas pequenas e mercearias e assim não se aguentaram.

O meu pai, estava em Rio Mourinho e veio para o Paião, comprou um bocadinho de



terra e mandou fazer a casa por causa do caminho-de-ferro, para alcançar os materiais, naquele tempo os materiais eram comprados em Lisboa e eram despachados para o Paião. O meu pai tinha uma carroça e um burro, e já era um bom transporte naquele tempo, mas havia uma ribeira, entre Rio Mourinho e a Gamela, e havia meses, no inverno, que não dava para passar a ribeira, não

havia ponte. Então o meu pai por causa disso pensou em vir para o Paião, porque passava o inverno a precisar de materiais e não conseguia ir lá para o outro lado. Quando fechou o apeadeiro o meu pai tinha de vir a Montemor ou à Torre da Gadanha. Lá ia ele com a carroça e o burro. Depois mais tarde, já muito mais tarde, fechou o ramal.



*Convento de Rio Mourinho
onde nasceu Mestre Santos*

*O também denominado
Convento de Santa Cruz.
Fundado pelo guerreiro monge
Mendo Gomes de Seabra e seus
companheiros da “pobre vida”
no séc.XV.*

*Um ermo de difícil alcance,
foi quase sempre habitado
por monges castigados.
Está secularizado desde o séc.
XVIII por falta de assistência
monástica.*

*Túlio Espanca,
in Inventário Artístico de Portugal -
Distrito de Évora - 1º volume,
Academia Nacional de Belas Artes*





À conversa com
PAULO MATEUS

A linha férrea surgiu em 1909 e ligava a Torre da Gadanha a Montemor-o-Novo. Paulo Mateus, filho de Luís Pereira Mateus, trabalhador da CP, conta que a estação do Paião surge em torno da matéria-prima que ali se produzia. Nos campos em volta do Paião havia, e ainda há, muitos sobreiros dos quais se faz a tiragem da cortiça, além da produção de carvão vegetal que na altura se fazia no campo, em fornos tapados com terra. O comboio esteve em funcionamento durante 80 anos, com apenas uma carruagem para passageiros, sendo o resto para mercadorias. Do Paião se transportava a matéria-prima para outras partes do país.

Paulo: Já viveram cá muitas famílias, estas casas estavam todas habitadas e havia até umas barraquinhas de madeira que as pessoas construíram nesses campos, para habitar. Cá moravam cerca de sete trabalhadores da linha de ferro, em casas cedidas pela CP. As pessoas pagavam uma renda simbólica, em cada casa moravam várias pessoas. Depois havia também umas

dependências, feitas com as travessas da linha, as barracas dos assentadores, que eram os homens que assentavam a linha, como a estação só tinha 6 casas, havia 4 barraquitas.

Aqui é parte mais a sul das fazendas de Montemor, quando eu era mais pequeno viviam mais pessoas aqui do que em Montemor, agora é ao contrário, as fazendas tinham muitas casas e as pessoas que trabalhavam no campo habitavam essas casas.

Agora já somos poucos aqui, morava também o ferreiro, que produzia principalmente machados, por causa da cortiça também, e de resto eram trabalhadores do campo.

Vim para cá tinha 9 anos, não havia luz elétrica, era candeeiros de petróleo, depois a CP aí em 82 é que mandou instalar a luz elétrica.

O seu pai fazia a manutenção da linha do comboio. As travessas de madeira às quais “as pessoas até chamavam àquilo de solipas, que vem do inglês de descanso - sleep, porque descansavam os carris em cima”, de vez em quando precisavam de ser substituídas, cuidava-se da escoagem da

água, e havia que prestar atenção, principalmente em dois pontos da linha, que se encontravam a uma altitude considerável. A Ponte sobre o Almansor que, segundo o seu pai dizia, é talvez o ponto de maior altitude aqui das linhas do sul e precisava de muita atenção.

Esta linha do comboio tem um ligeiro declive, vem subindo de Montemor até à Torre da Gadanha e porque o comboio não pode fazer subidas, teve que se fazer aquela curva por São Mateus, para que fosse subindo lentamente.

Antigamente havia três linhas, como todas as estações tinham, para os comboios fazerem o encontro, por fim já só havia uma. Ainda tem ali o cais, onde está ali as mesas e as cadeiras, servia para carregar as mercadorias, e depois havia um agulheiro, que manobrava as agulhas para fazer a transferência de um carril para o outro, onde se punha os vagões já carregados.

A população daqui viveu sempre ligada aos da Torre da Gadanha, porque faziam parte da mesma equipa. Lá também havia casas para as os funcio-

nários habitarem, como mais umas que existem ao longo da eco-pista até Montemor. Normalmente, pela feira de Setembro, fazia-se comboios especiais, como era a maior afluência de pessoas para Montemor, num vagão de mercadorias, colocava-se lá dentro os bancos da estação da Torre da Gadanha e os de Montemor, para se fazer mais uma carruagem de passageiros e as pessoas poderem ir sentadas à feira, numa carruagem improvisada.

Aqui perto da estação era o km 81, de quilómetro a quilómetro tinha um placa a indicar o numero de quilómetros, que começava no Barreiro, início da linha do sul. Se reparar há aí uma placa a dizer PN (*passagem de nível*) num azulejo, e depois tem o K. que é o 81. A cada quilómetro existia um conjunto de 2 carris, para caso se houvesse uma falha, se substituir. Nesse tempo os carris eram serrados à mão, e furados também e a linha era feita assim, era tudo manual, as vezes para alguns trabalhos mais específicos, vinham especialistas de outros sítios, de comboio.





Ainda me lembro de ver um senhor que era o senhor Sabina, que estava ali na rua da estação, onde agora é uma oficina de carros, que recebia as mercadorias, coisas para as lojas, como roupa, coisas que passavam os tais caixeiros viajantes, que traziam a sua mala com as amostras e faziam as encomendas, depois as coisas chegavam ali à estação, o senhor carregava a carroça com a mercadoria e ia pela rua nova a cima para distribuir o material, e dava agua ao animal ali no chafariz da rua nova, depois lá descia outra vez para outra volta.

Sobre o forno comunitário

O forno era da CP. Havia aqui dois fornos, antigamente não havia padeirias aqui na área, então as pessoas faziam o pão em casa. Nessa época ouvi dizer que só existia aqui um poço, também posto pela CP, depois os funcionários pediram mais um poço, para ter mais água. Ouvi dizer que nos anos 40 houve uma grande seca e o poço secou e as pessoas tinham de ir a cerca de 20kms para buscar água.

Agora ultimamente acendia-se só pela Páscoa e fazia-se o borrego e bolo branco e até se utilizava aí as travessas velhas da linha, como lenha, mas até aos anos 50, 60 acendia-se semanalmente para fazer pão.

A abóbada do forno tem de ficar branca, quase como a cal e aí é que a gente sabe que o forno está quente, depois se for carne desvia-se as brasas para junto a parede do forno, deixa-se o centro vazio, que é para aguentar o calor, se for pão ou bolos brancos, tem de ser diferente. Tira-se as brasas, põe-se junto à boca do forno e tapa-se. Há uma coisa que é as barbas que é um pau, com um trapo molhado à ponta do pau que se usa para varrer as cinzas e depois então é que se coloca o pão.

O Alentejo não esquece
Quem está debaixo do chão
dois homens em Montemor
e a mulher em Baleizão

*Poema de Luís Pereira Mateus, pai do Sr.Paulo
(cantado em S.Martinho das Amoreiras - Odemira)*



Receitas do Sr.Paulo

BOLO BRANCO

5 ou 6 pães pequenos

1kg de farinha de trigo sem
fermento
100g fermento de padeiro
(massa mãe)
2 colheres de sopa de banha
de porco derretida
1/2 kg de açúcar
1 clara de ovo (guardar a gema)
1 dl de água fervida com
sementes de erva doce
1 copo de água-ardente

Amassar tudo muito bem
como se faz com o pão. Deixar
fintar (levedar) durante duas
horas num alguidar de barro
tapado com um pano. Por fim
untar a parte de cima com
a gema do ovo. Pôr no forno
durante uma hora.

BORREGO PARA O FORNO

Pôr o borrego de véspera
temperado com vinho branco,
alho pisado e sal.

Colocar numa assadeira
de barro com:
2 cebolas (por kg de carne),
250g de banha de porco,
1 dl de azeite,
5 ou 6 folhas de louro,
pimentão vermelho (colorau)
e salsa.

Levar a assadeira ao forno.
A meio da cozedura meter
as batatas junto com resto.
(demora cerca de 4h a cozer)

+MESA POSTA Nº.12+NOVEMBRO+2023

+ 1ª ED.+ 200EX.+ COORDENAÇÃO DE CONTEÚDOS: OFICINAS DO CONVENTO +
EDIÇÃO E CONTEÚDOS: MARIANA STOFFEL + EDIÇÃO GRÁFICA: MIGUEL ROCHA
COLABORAÇÃO: SENHOR VIEIRA, MANUEL MALHÃO, MESTRE JOAQUIM SANTOS,
PAULO MATEUS + FOLHA DE MONTE MOR + MUNICÍPIO DE MONTE MOR-O-NOVO
+ + + + + AGRADECIMENTOS: ELISABETE MARQUES, MIGUEL HEITOR SANTOS,
CARLOS JORGE CALÇÃO E JOAQUINA PARRANÇA + + + + +
+UMA INICIATIVA: OFICINAS DO CONVENTO COM O APOIO DA CMMN+
+ + + IMPRESSÃO E ACABAMENTO: OFICINA DE IMPRESSÃO-OC +CMMN

+ + + OFICINAS DO CONVENTO - ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE ARTE E COMUNICAÇÃO + + +
CARREIRA DE S.FRANCISCO + CONVENTO DE S. FRANCISCO 7050-160 MONTE MOR-O-NOVO
+ OC@OFICINASDOCONVENTO.COM + + + + + WWW.OFICINASDOCONVENTO.COM +



Mesa Posta

Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava o Carnaval, as pessoas punham a mesa. Em cada casa enchia-se uma com comida e bebida, e durante dias, por vezes a semana inteira, a porta aberta recebia os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando amigos e familiares, encontrando outras pessoas, sempre em volta da mesa posta, de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas acompanhavam as danças, as conversas, os reencontros e os caminhos. Era a altura de dar tempo para visitar e descontraír, com o inverno no fim a primavera abria porta. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, vamos procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.